

CULTURA, SAÚDE E ENTRETENIMENTO: TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO DE TERROR

Thalyta Raquel dos Santos¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo estudar os conceitos de Saúde e Doença, Cultura e de Entretenimento no âmbito das Ciências Sociais e o seu valor epistemológico quando aplicado à antropologia com um certo nível de complexidade. Desenvolve-se os conceitos de Normalidade e Anormalidade e a Psicopatia Social a partir dos estudos de François Laplantine, Victora Ceres, Cecília Hellman, Clifford Geertz, etc. e existe também a relação estabelecida por Laplantine entre Etnopsiquiatria e Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS). O trabalho realiza uma análise das histórias em quadrinhos de terror da revista Calafrio nas edições 65, 72 e 74 a partir da pesquisa bibliográfica. Abordam-se, de modo categórico, as possíveis colaborações do meio social para o fenômeno. Analisa-se o conceito de Normalidade e Anormalidade e as suas relações com a Psicopatia Social. Conclui-se com a análise das implicações e dos desafios da Psicopatia Social em apoio à criação dos meios para entretenimento, especificamente, as histórias em quadrinho de terror no Brasil.

Palavras-chave: Cultura; Saúde e Doença; Psicopatia Social; Histórias em Quadrinhos de Terror.

ABSTRACT

The article aims to study the concepts of Health and Disease, Culture and Entertainment within the scope of Social Sciences and their epistemological value when applied to anthropology with a certain level of complexity. The concepts of Normality and Abnormality and Social Psychopathy are developed based on the studies of François Laplantine, Victora Ceres, Cecília Hellman, Clifford Geertz, etc. and there is also the relationship established by Laplantine between Ethnopsychiatry and Antisocial Personality Disorder (ASPD). The work analyzes horror comics from Calafrio magazine in issues 65, 72 and 74 based on bibliographical research. The possible contributions of the social environment to the phenomenon are categorically addressed. The concept of Normality and Abnormality and their relationships with Social Psychopathy are analyzed. It concludes with an analysis of the implications and challenges of Social Psychopathy in supporting the creation of entertainment media, specifically horror comics in Brazil.

Keywords: Culture; Healthy and Illness; Social Psychopathy; Terror Comic Books.

INTRODUÇÃO

O Artigo busca compreender como o transtorno de personalidade antissocial é representado nas histórias em quadrinhos de terror.

Na antropologia contemporânea, o conceito de cultura é representado como uma teia de aranha que o homem mesmo teceu e na qual ele se encontra envolvido. o ser

¹Graduanda em ciências sociais na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. E-mail para contato: thalyta.rsantos2@ufrpe.br

humano vive cercado de símbolos e simbologias que se cruzam e criam caminhos diferentes a partir dos signos e significados que se apresentam. Geertz (1989)

A cultura é uma construção social compartilhada publicamente, isto é, a coletividade compreende e compartilha o seu significado. Essa construção não é permanente à medida que o sentido pode variar dentro do grupo estabelecido. Um símbolo tem diferentes significados de acordo com o contexto que é utilizado. Cabe ao antropólogo traduzir esses símbolos e seus respectivos significados no contexto cultural.

A saúde, a doença, e a loucura também possuem um significado cultural. Isto quer dizer que em outras sociedades possuem outro sentido além do significado que esses conceitos têm nas sociedades ocidentais. Este é o caso do transtorno de personalidade antissocial (TPAS)

De acordo com o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5), TPAS é um adoecimento mental que se estabelece no córtex pré-frontal e nas amígdalas do cérebro causando uma defasagem no campo das emoções como empatia, compaixão e medo.

A pessoa não possui a ideia preestabelecida de perigo para si e outra pessoa, tem dificuldade para obedecer a normas e regras, além de possuir dificuldade em sentir empatia por outra pessoa. De acordo com Medicina e a Psicologia, o meio social é o responsável ou não pelo desenvolvimento da TPAS no indivíduo.

As histórias em quadrinhos de terror representam de maneira estereotipada o TPAS. Bestializa e desumaniza pessoas com TPAS ao ponto de se tornar uma categoria fundadora das histórias em quadrinhos de terror. Normalidade, anormalidade, saúde, doença, e loucura precisam ser discutidos em termos culturais e simbólicos. Esta é a proposta deste artigo.

Este artigo aborda a saúde e a doença a partir dos símbolos e seus significados em suas relações com as atividades humanas que acontecem nos dias atuais: A primeira seção trata das simbologias ocidentais dentro da área da saúde e doença, principalmente na psicologia, com enfoque no Brasil. O entretenimento no mundo ocidental e as histórias em quadrinhos de terror, no cenário brasileiro e sua relação com a psicopatia social é o assunto da segunda seção. Por fim, o artigo utilizará a revista de terror mensal Calafrio e Mestres do Terror, publicada pela editora Ink & Blood, serão usadas as edições 65, 72 e 74, com enfoque na história fictícia do “maníaco do parque”, na edição 65 páginas 42 a 43, história real do “Maníaco de goiânia” na edição 72 nas páginas 26 e 27 e “Como reconhecer um psicopata” na edição 74 nas páginas 26 e 27. para

desenvolver uma análise sobre o posicionamento do autor e sua relação com o senso comum e a perpetuação da estereotipação do TPAS. como diria Coiffe (2019) sobre a construção da análise:

“O objetivo documentário é fazer com que o leitor descubra os centros de interesse e os pontos originais do ou dos documentos”

CULTURA, SAÚDE E DOENÇA

Ruth Benedict (2014) afirma que: “A pesquisa com culturas vivas resultou em um maior interesse na totalidade de cada cultura”. Ela quer dizer que para entender o ser humano deve-se compreender o contexto sócio- cultural na qual ele vive. É preciso compreender a vida socioeconômica, política, religiosa, artística, tecnológica e etc. e com isso verificar os padrões da cultura, suas modificações e/ou permanências no decorrer da história.

Por sua vez, Leslie White (1975) afirma que o ser humano é um animal único e singular porque possui a capacidade de simbolizar. Para o autor o símbolo é a unidade básica do comportamento humano, ou seja, o que caracteriza o ser humano é sua capacidade de criar e compartilhar símbolos, ele cria símbolos para existir. Por sua vez, o símbolo é qualquer coisa cujo significado é atribuído pelos seus usuários que compartilham o seu significado. O sentido do símbolo não é determinado por características físicas, mas por algo arbitrário que se torna convencional. A linguagem, os gestos, a tecnologia ou mesmo a saúde e a doença são preenchidos por significados que a coletividade atribui e compartilha.

Geertz (2015) concebe a cultura enquanto teias de significados os quais o ser humano tece e no qual ele mantém-se preso. A cultura é formada pelas ações sociais e pelo sentido e significado dadas a estas ações. Para ele, a cultura é pública e realizada no coletivo. Para apreender sobre as teias de sentido cultural deve-se observar os comportamentos minuciosos praticados pelo ser humano.

Segundo Geertz (2015) é no estudo de qualquer gesto, como uma piscadela ou sinal de positivo com o polegar, por exemplo, que compreende-se a particularidade da sociedade estudada.

Quando Geertz (2015) diz que o antropólogo é a ponte entre a cultura do outro e a sociedade, coloca-o no lugar de um intérprete. O etnógrafo torna-se responsável por

uma interpretação, ou seja, uma visão a partir da descrição densa. O pesquisador precisa se posicionar como “o outro” para realizar seu trabalho no próprio meio social.

Para assimilar os seus símbolos, a cultura precisa ser considerada objetiva e subjetiva ao mesmo. O símbolo, apesar de possuir o sentido universal, sua concepção está ligada à realidade social em que ele é perpetuado, o que torna-o subjetivo ao campo social. Na sociedade ocidental, o signo é importante para percebê-la, afinal o social constrói-se em volta de seus significados.

Bourdieu, ao produzir o conceito de poder simbólico, demanda interpretar como as relações de poder são ponderadas como legítimas e sua reprodução ao longo da história entre dominadores e dominados. Esse poder é fragmentado em sistemas de signos que compõem a coletividade como a linguagem, ciência, arte, religião, comunicação e violência. Esse sistema legitima-se, por meio das estruturas mentais fabricadas que o indivíduo assimila e naturaliza a dominação.

A dominação masculina é um exemplo neste aspecto. A ciência justifica o homem como o centro das coisas. A força, destreza e inteligência racional ficam a seu cargo. A mulher aprende a falta das coisas, A fragilidade, ingenuidade e a passionalidade cabem a elas. Desse modo, legitima-se uma hierarquia entre os dois, o que produz a subalternidade da mulher.

O racismo cultural também faz parte da dominação e naturalização desses dominados. FANON (2021) explica ao tratar textos científicos de cunho racista, os quais, valeram-se de características fisiológicas para formarem argumentos, de superioridade para alguns e de inferioridade para outros, e tornaram-se intrínsecos à sociedade ocidental, por isso o racismo é classificado pelo pensador como um elemento cultural, o qual, é indissociável da cultura.

“Se a cultura é o conjunto de comportamentos motores e mentais nascido do encontro do homem com a natureza e com seu semelhante, devemos dizer que o racismo é sem sombra de dúvida um elemento cultural. Assim, há culturas com racismo e culturas sem racismo.” FANON (2021, p. 7)

O racismo enraiza-se na cultura por causa da tomada de territórios, controle desses lugares para exploração/habitação e escravidão dos povos originários e população do continente africano, em conjunto com o sequestro delas para outras colônias. Criou-se regimes coloniais, promovidos por países exploradores, os quais deixaram sequelas graves no mundo. A cultura presente antes da chegada dos invasores encontra-se em estado precário. Ela sobrevive em uma agonia continuada e corre o risco de desaparecer completamente. O mundo atual conseguiu armazenar resquícios dessa

cultura em modo de extinção, o qual perde sua relevância em comparação com os hábitos adquiridos pelos colonizadores. A manutenção dessas hegemonias acontece pela violência simbólica.

A violência simbólica é uma técnica sutil do cuidado às estruturas hegemônicas. Muitas vezes não são percebidas como violência. Acontece quando o campo social legítima a subalternidade e continuidade da exploração de grupos considerados inferiores. Perpetua-se pela comunicação, entretenimento, normas que desfavorecem a parcela dominada, linguagem e religião que as marginaliza. Fora a violência simbólica, existem outras maneiras de perdurar a dominação.

Trata por Foucault, a biopolítica é uma organização sociopolítica de manutenção da dominação. O controle de corpos como de mulheres, não-brancos e LGBTQIA. O pensador enfatiza a questão do corpo negro na sociedade ocidental. As pessoas negras são a maioria esmagadora nas prisões, das pessoas pobres/classe baixa, nas periferias com moradias precárias. A população negra também é a que mais morre nas mãos do Estado. O que abrange o conceito de necropolítica de Achille Mbembe.

Necropolítica aborda como a violência simbólica toma proporções preocupantes. Ela sai do campo da sutileza a qual o Estado efetivamente mata corpos negros. Eles são alvos da polícia controlada por esse Estado, a qual é coordenada para matar essas pessoas sem questionar. O que categoriza a desumanização dessas pessoas, além da marginalização desses indivíduos que são controlados por um campo de contenção chamado panóptico por Foucault.

Byung-Chul Han vai além de Foucault ao elaborar o conceito de psicopolítica. Essa ideia amplia o campo do panóptico em que a sociedade não contém apenas os corpos, mas a mente. A consciência assimila as informações sobre minoritários, os quais mantém a idealização desses grupos e as violências sofridas por eles no campo da psique. O indivíduo acomoda-se a pensar dentro desse panóptico de informações criando em conjunto a infocracia. O poder da informação (verdadeira ou não) na composição da vida do ser humano em sociedade.

Para Bauman (2012) no mundo globalizado, alguns símbolos e seus significados são compartilhados em escala mundial. Vive-se no mundo da tecnologia e a proximidade entre os países está a “um clique de distância”. Bauman (2015) conclui que é necessário observar a cultura por meio das manifestações culturais e dos fatos acontecidos, e ordená-los na esfera da práxis, ou seja, a cultura tem de ser considerada a partir da agenda que o indivíduo realiza a qual coloca o mundo que vivem em constante

metamorfose. A cultura não é algo estático, ela passa por diversas mudanças/adaptações a partir do tempo e é na conduta social que a mesma se manifesta.

A saúde, assim como a doença, não são apenas uma realidade biológica. Elas também são passíveis de atribuições culturais. Da mesma forma o corpo humano. Toda sociedade se utiliza de artifícios para a manutenção da saúde e da cura das doenças, além de dar sentido e significado ao processo saúde/doença:

“A perspectiva antropológica não nega o caráter universal de certos fenômenos biológicos, mas procura entender o significado específico que esses fenômenos assumem numa dada sociedade, visto que os registros de normalidade e anormalidade são, antes de tudo, determinados a partir de valores. [...] A realidade é entendida, assim, como uma construção social na qual o fato concreto - a doença, por exemplo - só existe a partir da ordem simbólica.” VICTORA; KNAUTH; HASSEN (2000, p. 11)

O ocidente separou o corpo e a alma/mente. De forma que a biologia/medicina é encarregada de estudar o corpo, enquanto a psicologia e outras ciências humanas se responsabilizaram pela compreensão da alma/psique. Eles são estudados de maneira separada como se um não interferisse no outro. O saber sobre o corpo é assimilado como universal pela biomedicina, a qual atribui a suas classificações como o fator correto de examinar o corpo. A alma é envolvida por estudos particulares como a psicologia e a espiritualidade, a qual ao mesmo tempo é tratada como subclasse.

No entanto, para Lévi-Strauss (2017) mostra o quanto, alguns rituais são essenciais para a cura de doenças nas sociedades simples. Os Navajos possuem uma ritualística para trazer uma criança saudável no trabalho de parto. A eficácia simbólica, consiste em :

A eficácia simbólica consistiria precisamente nesta “propriedade indutora” que possuiriam, umas em relação às outras, estruturas formalmente homólogas que podem se edificar com materiais diversos nos vários níveis do ser vivo - processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento consciente.” LÉVI-STRAUSS (2017, p. 215)

Para o autor citado, a saúde e a doença percorrem o caminho para a congruência entre os aspectos simbólicos e biológicos. A integração do corpo, alma e psique associado ao ambiente social e cultural é essencial para o processo de cura.

A psiquiatria transcultural também reforça a concepção de que para se entender a saúde mental e/ou a psique humano, é preciso compreender o ambiente sócio cultural onde se manifesta a doença mental. Ela estuda comparativamente as diversas formas que se apresenta o desconforto mental (e não apenas doença mental) em culturas diferentes.

O papel da cultura na personalidade do ser humano é central e por isso é imprescindível estudar as causas para o adoecimento psíquico, também nos aspectos sócio culturais da sociedade e como as pessoas reagem à “doença mental”. O que é considerado normalidade e anormalidade é diferente em diversas culturas do mundo. Dentro de uma mesma sociedade essas noções mudam historicamente assim como pode ser diversas em pessoas de diferentes grupos etários, de condição social, de religiosidade considerando que essas noções também estão sujeitas a normas e regras sociais.

A Anormalidade controlada, difunde-se em tempos de guerra nos quais é permitido ao soldado matar outra pessoa em nome de seu País e seus ideais. Essa anormalidade controlada é contida com data e tempo de duração definidos. Há também a normalidade não controlada, a qual envolve a religiosidade e quaisquer outros eventos “anormais” que acontecem em um espaço controlado. Quando ocorre a possessão de demônios, falar com Deus em línguas estranhas, profecias etc. São atitudes que fora da religião causam uma comoção de comportamento errático, mas em um ambiente controlado como o centro religioso é completamente normal.

“Cada cultura fornece um repertório de símbolos e imagens sobre os quais as doenças mentais são articuladas - até mesmo no limite externo do espectro, na “anormalidade descontrolada”. A exemplo dos símbolos dos rituais, os símbolos são utilizados para a manifestação das doenças mentais expressam “Uma polarização de significados”. De um lado, dizem respeito a preocupações pessoais, psicológicas e emocionais; de outro, a valores sociais e culturais da sociedade como um todo.”
HELLMAN (1994, p. 231)

A psiquiatria ocidental é construída como uma mediação entre o indivíduo e o sintoma. No momento que o ser humano apresenta-se com algum comportamento fora da normalidade em condições e espaços que a exigem, a psiquiatria ocidental atua como um paliativo para esse comportamento. Precisa considerar as definições de normalidade e anormalidade dentro da sociedade a qual o indivíduo pertence e como ele se encaixa nela. Afinal as questões acerca da normalidade e anormalidade são regidas pela

comunidade que se vive. Como Tatossian (1999) descreve: “ a culturalidade humana é onipresente não como cultura abstrata, coisificada em termos de “fatores culturais”, de “dados culturais”, mas como cultura vivida.”

Laplantine (1998) considera que a psiquiatria e a psicologia necessitam entender os acontecimentos históricos, sociais e políticos da doença mental. Ter consciência da presença massiva da ideologia no adoecimento mental e dos valores associados ao louco e não-louco.

Foucault (2019) faz um histórico da loucura e como as normas e concepções sobre a loucura modificam-se ao longo do tempo. Na idade média, a regra que o indivíduo vive-se em pequenos feudos/terras como vassalos controlados pelo dono do feudo/terras em que a base era a economia agrícola. As pessoas andarilhas/peregrinas que sempre iam de um lugar a outro foram consideradas como sábios ou “loucas” por não seguirem o sistema econômico de permanecer nos feudos. Nessa época podemos perceber que a visão da loucura era relacionada à inteligência, ao saber e ao fazer.

Na idade moderna, surgem as burguesias (grandes comerciantes), a saída de uma economia rural para a mercantil e as populações rurais europeias se espalham pelas cidades ao invés de permanecerem em feudos. A loucura passa a ser observada em pessoas com prazeres e discursos apaixonados seguindo um caminho diferente das outras pessoas.

No século XIX, a loucura começa a receber uma acunha estigmatizada. As pessoas diferentes começam a ser desprezadas, serem isoladas e consideradas não-pessoas, há a descoberta de psicopatologias as quais são discorridas em análises, discursos e classificação. Começa a construção de lugares específicos para essas pessoas como manicômio com tratamento de sintomas de maneira arbitrária como lobotomia, eletrochoque, afogamento, camisa de força e controle de compulsão. A homossexualidade também encaixou-se como uma patologia que recebeu duras repressões.

As psicopatologias são uma grande descoberta, mas necessitam ser trabalhadas de outra maneira. Precisa-se ouvir o indivíduo e ter um conhecimento do mundo que o ser humano está inserido e como essa sociedade o afeta. Após muita luta contra a barbárie desses lugares e seus tratamentos, ambos foram tornados ilegais e destituídos dos métodos científicos eficazes, como também, a homossexualidade saiu da categoria de patologia o que conclui que os argumentos sobre loucura dependem de como o meio social os interpretam.

Assim é que, o sintoma na psicopatologia faz parte da gama de signos. Ela pode corresponder ao significado dado pelo médico ou pelo paciente, mas ele representa isso a partir do ponto que é classificado, porém o sintoma psicopatológico deve ser acompanhado de outros sintomas e ter o acompanhamento constante do profissional, pois assim como uma febre só possui um diagnóstico definitivo por intermédio da observação de outros sintomas em conjunto.

Os sintomas do transtorno mental devem ser examinados cuidadosamente. O profissional deve possuir técnicas essenciais para desenvolver junto ao paciente seu quadro clínico. Uma entrevista direta com o paciente ao qual consegue-se achar as respostas para “como” e “Quando”. Normalmente demora-se um bom tempo para concluir o diagnóstico do paciente, pois carece de acompanhamento contínuo. O seguimento requer do especialista obter o histórico de vida; o ambiente em que a pessoa encontra-se; a sua articulação com o mundo e os outros sintomas que o paciente pode apresentar.

Os sintomas não surgem ao acaso, eles possuem fatos e/ou ocasiões que desencadeiam. O aglomerado de sintomas que apresentam-se em uma constância de curta ou longa duração, formam as síndromes. A psiquiatria requer uma observação exaustiva de fatores nocivos que dispõe ou supõe-se uma constância para diagnóstico de transtornos ou doenças. A identificação de transtornos mentais requer muito cuidado, visto que abrange um caminho nebuloso o qual possuem sintomas congruentes e/ou indícios que não repetem-se.

O transtorno de personalidade é ainda mais complicado. Ele apresenta características herdadas pela genética como também a influência do seu meio social e como o paciente vê o mundo. A personalidade mostra-se em constante metamorfose. No século XIX, pessoas que não conseguiam controlar seus instintos receberam classificação de cunho pejorativo como degenerado, criminoso, agressivo, chorão, metido e etc. Essas pessoas recebiam a nomenclatura de psicopata.

O transtorno de personalidade é conhecido por ser incurável, pois ele não muda ao longo da vida e perdura. Alguns medicamentos farmacológicos, terapêuticos e métodos sociais funcionam para o indivíduo se restabelecer em sociedade, mas ocorre ao mesmo tempo um estigma para aqueles que são diagnosticados com transtornos de personalidade. Um dos transtornos mais debatidos nos últimos anos é o antissocial.

O transtorno de personalidade antissocial é um transtorno mental que se apresenta como uma disfunção cerebral, localizada no córtex pré-frontal e amígdalas,

na qual interfere diretamente na questão dos sentimentos e empatia que são naturais dos seres humanos. O indivíduo com esse transtorno apresenta dificuldade para seguir normas e regras pré-estabelecidas junto a outras características como a falsidade; alta irritabilidade, impulsividade e agressividade; dificuldade de aprender com os erros; dissimulação e manipulação; descuidado pela sua vida e/ou pela vida dos outros. Todos esses traços demonstram a dificuldade da segurança de outras pessoas no meio desses indivíduos em qualquer relacionamento. (DEL-BEN, 2003)

De acordo com Del-Ben (2003), o TPAS se manifesta de maneira biológica como uma disfunção cerebral que acontece no córtex pré-frontal, na amígdala e nos neurotransmissores onde estão as sinapses que são responsáveis pela serotonina, dopamina e etc. A Del-Ben classifica a hereditariedade e biologia como responsável por 50% da expressão do Transtorno de personalidade, os outros 50% corresponde a parcela de atribuição da cultura em que indivíduo está inserido, ou seja, cultura tem uma parte considerável a ser estudada para compreender a manifestação na sociedade e como ocorre. Como exemplo, os Dogons trabalhados por Denise Barros.

Denise Barros (2004) articula no seu livro “itinerários da loucura em territórios Dogon” sobre a população que encontra-se na África do Oeste, Ocupa a região do país República do Mali, Faz fronteira com sete países: Argélia, Burkina-Faso, Côte d’Ivoire, Ghana, Níger, Senegal e Mauritânia. Conhecidos como “país dogon” são constituídos por populações de economia agrícola, pela região cercada de planaltos e montanhas e pela colonização europeia. A pesquisadora participou de uma expedição sobre comunidades africanas, mas se dedicou aos Dogon com observação, entrevistas e contos repassados oralmente.

Os Dogon possuem um sistema patrilinear em que as mulheres são oferecidas em aliança de uma família para outra, em que os homens mais velhos são os líderes. As mulheres casadas não pertencem mais à família do Pai (por ter deixado) e nem se integram no grupo familiar do esposo (por ser estrangeira), são dedicadas aos filhos e ao marido.

A organização familiar é bem complexa a depender da família extensa que estuda-se, pois o homem pode ter uma ou mais mulheres. O homem traz o grão para alimentar a esposa e filhos pequenos, os filhos maiores ficam com os tios paternos e as filhas maiores aprendem com a mãe, executam as tarefas ou podem ir para família materna.

Na questão da saúde, a população vai recorrer a curandeiros na procura de ervas e rituais para acalmar os antepassados, na cultura dos Dogon, a doença está relacionada a alguma inquietação a eles e aos espíritos. Eles cultuam seus antepassados com oferendas e sacrifícios. Qualquer ritual realizado de maneira errada gera consequências, principalmente realizado por mulheres impuras, no caso da menstruação. No quesito loucura, eles possuem três classificações: wede-wede, we-we e Yapilu são respectivamente “elo quebrado com a natureza”, “doença do vento” e “punição dos ancestrais”. As relações com a religião e suas práticas sociais, a qual, possuem uma linha tênue para o desatino. A comunhão deles acontece pelas palavras, a natureza, os ancestrais e os seres espirituais. A natureza, os favorecem remédios como paliativo para a insanidade e suas conexões com os animais podem servir de ajuda contra ela, como uma caçar contra os espíritos podem desencadear um colapso.

Existem casos contados por meio de contos que exemplificam a questão como: uma mulher que perde muitos filhos, acabam possuindo a Yapilu, perdendo a sensatez com risadas e choros misturados, a culpa recai sobre o marido que possui uma semente fraca, o qual vai passar semanas na floresta com mãe com quem ele copula, vive como um animal e como último ritual viola uma mulher qualquer. Ao receber uma desconfiança da mulher após o marido banhar-se em águas puras e voltar para casa com uma personalidade diferente da habitual, em seguida a mulher queixar-se para a família do esposo e o irmão mais velho for confirma e não for aceita pela água e enlouquecer cabe a esposa do irmão cuidar dele com remédios e o carneiro sacrificado para o alimento dele. O último caso é interessante, pois pessoas que matam na comunidade normalmente assassinam invasores do território e afastam-se da comunidade em geral.

Há certos cuidados que eles podem mostrar com os doentes como: acolhê-los; tratamento e colocá-la de volta com mulher ou marido; tratamento e voltar para família a que pertenceu antes do casamento; Prisão; ou deixá-la circulando livre. Eles normalmente só utilizam a prisão para casos que nem o ritual e nem os remédios funcionam como a perda da lucidez completa. Eles possuem médicos e terapeutas de dentro do território que são licenciados pelo conselho regional de medicina terapêutica, são consultados e respeitados pela população por normalmente serem homens mais velhos.

“A dimensão da dor e do sofrimento permite uma abordagem da loucura como fenômeno individual e coletivo que emerge no interior de redes sociohistóricas, como fenômenos que

promovem reações diferenciadas (de solidariedade, de apoio, de medo, de recusa ou de exclusão) e ativa a busca de sentidos.”

BARROS (2004, p. 198)

Quando psiquiatras ocidentais se deparam com distúrbios psicológicos em sociedades fora do seu meio social, eles relacionam esses fenômenos mentais com os conceitos construídos no contexto cultural do ocidente. Porém, segundo Hellman (2003), o fenômeno psíquico definido como “normalidade” ou “anormalidade” deve ser compreendido a partir do contexto cultural. O comportamento social não possui uma classificação única, pois depende muito de como as pessoas agem (e reagem) a esse modo de se expressar em sociedade, os motivos que levaram a se comportar dessa maneira e como cada pessoa compreende o que observa.

O Transtorno de Personalidade Antissocial, a partir da medicina psiquiatria ocidental, possui sintomas amplos que dão margem para interpretações preocupantes. O entretenimento, a partir da mídia de comunicação, espalhou uma noção de senso comum em que sintomas genéricos desse transtorno de personalidade definem diagnósticos, o que deve ser evitado. Os Dogons participam da sociedade da África ocidental, a qual constroem uma integração de pessoas com TPAS, e até mesmo de assassinos sanguinários, atribuindo-lhes um valor social. A questão é como esses indivíduos são retratados na sociedade ocidental brasileira e seu valor social, mesmo com a exclusão e demonização. Compreender o entretenimento como ferramenta para a propagação dessa ideologia, enquanto fator cultural.

HISTÓRIA DOS QUADRINHOS DE TERROR

Assim como cultura, saúde e doença, o entretenimento está presente como um fator cultural importante. Estes agentes culturais estão interligados, principalmente com o entretenimento na sociedade ocidental atual. Ele representa todas as formas que o espetáculo expressa-se. O espetáculo caracteriza-se pela ideologia dominante na ideia criativa de seu artista.

A partir da dissolução da era pré-capitalista, com o imperialismo estadunidense, o entretenimento passou a apoiar-se em uma propaganda velada do modo de vida americano e suas ideologias. Transforma-se o espetáculo em uma verdadeira indústria cultural. A arte que era orgânica, torna-se a maior arma para persuasão para alguns, o Estado imperialista passa a fazer parte ativa desse meio.

O espetáculo converte-se em apologia ao capitalismo, além de funcionar como parte dele. Propõe-se como mercadoria com consumo exacerbado. A aplicação do fetichismo de mercado no entretenimento cumpre sua alienação ao processo da relação de trabalho da categoria. Admite-se ser uma área com problemas de trabalhos intensos e sucateados na sua produção e outros ofícios internos. Preocupa-se em retratar a imagem, principal ferramenta desse ramo.

A imagem consta como sua principal mercadoria. Cria-se uma verdadeira indústria em torno dela. O rádio, a televisão, jornais, revistas e histórias em quadrinhos. Essa alegoria mostrada para as massas compartilha o estilo de vida com uma ênfase em larga escala para a comunicação com essas pessoas. Transporta as pessoas para uma imitação dessa dinâmica através da coerção velada. O ser humano faz-se como ator, ele atua através do que aprende nos meios de comunicação. O indivíduo ao invés de ser passa a representar. A imagem é comunicação não-verbal do capital.

O entretenimento também é um dos meios para separar a diversão em classes. A comunicação é diferente entre eles. O espetáculo é o veículo de atitudes em que embarcam tanto a ideologia dominante como a oposição. Como Byung-chul Han (2018) declara que o bom entretenimento é intelectual e segue a moralidade cristã, o qual a realidade mostra-se como resultado dele. A contraposição apresenta-se como marginalizada, sofrendo boicotes severos na veiculação a ponto de considerar-se anti sistema.

As histórias em quadrinhos originaram-se em Londres, na Inglaterra, no final do século XIX com a história do Jack estripador, O famoso assassino de meretrizes das ruas de Londres, publicada em todos os jornais. As gazetas começaram a postar quadrinhos sobre esse assunto no tom de alerta para as prostitutas, pois eram as vítimas do assassino. Jack era um pseudônimo, visto que nunca foi preso pelos seus crimes, não tinham conhecimento de sua identidade. O terror surgiu a partir das mortes violentas dessas mulheres que se tornaram entretenimento no mundo artístico. O gênero do terror fez muito sucesso.

As histórias em quadrinhos desse gênero passaram a ser publicadas em revistas próprias conhecidas como Pulp Fiction². Magazines feitas de material barato em que o consumidor pagava muito pouco pelo entretenimento. Histórias em quadrinhos provaram-se um sucesso tanto que surgiram diversos gêneros como comédia, ação,

² Palavra em inglês que significa “histórias em celofane”

suspense, romance e etc. O advento dos Quadrinhos focados em heróis mascarados no começo do século XX, tornou-a extremamente popular.

As histórias em quadrinhos no Brasil surgiram no final do século XIX. A primeira história foi publicada na revista O Malho, a história “As aventuras de Zé Caipora”. Os quadrinhos no Brasil desenvolvem-se a partir da tradução de contos estadunidenses como Tico-Tico. A criação de personagens como o “Chiquinho” que foram inspirados em clássicos como “Yellow Kid”, entre 1905 a 1915. Os gêneros dos quadrinhos até a década de 30 não possuíam diversidade. Ele era formado pela comédia e com destino ao público infantil. (SAIDENBERG, 2013)

Na “Época de Ouro” , a qual ocorreu em 1934-1960, os quadrinhos receberam a diversidade de gêneros, tendo seu epicentro no Terror. As histórias em quadrinhos assustadoras de assassinos sanguinários surgiram inspiradas nas Pulps Fictions estadunidenses. A primeira história inteiramente de terror publicada no Brasil foi a A Garra Cinzenta, publicada pela Gazeta Juvenil em 1930. Nos anos de 1950, as Histórias em quadrinhos conquistaram a massa popular, apesar de que foi uma quantidade branda de leitores assíduos.

A primeira revista em quadrinhos com publicações apenas na linha do terror foi a “O Terror Negro” de 1949, inspirada nas revistas em quadrinhos de super heróis dos Estados Unidos da América (EUA). Os quadrinistas postaram poucas histórias originais e com frequência publicaram a tradução das revistas estadunidenses de sucesso. Com o tempo, as histórias de terror estadunidense entraram em escassez, mas o público brasileiro ainda estava atraído por elas, então surgiram grandes nomes do terror nacional. Inspirados na Quadrinistas estadunidenses e da Europa, e na literatura universal do terror.

Os quadrinhos sofreram muita censura durante a ditadura militar no Brasil a partir de 1966, As histórias sempre são guiadas pela ideologia de seus criadores, como as histórias em quadrinhos eram populares e alguns de seus quadrinistas usavam os seus espaços para escrever críticas em forma de comédia, terror e etc. Muitas revistas passaram a elaborar de acordo com a permissão do governo autoritário militar. O setor também estava em baixa devido a grande disputa de várias editoras por seu espaço, o mercado de histórias em quadrinhos estava em crise. Nos anos 1970-1980, as editoras enfatizaram novamente as traduções de revistas estrangeiras com o terror em segundo plano.

No ano de 1980, surgiu uma editora disposta a se arriscar com histórias de terror, foi a Revista Calafrio e Mestres do Terror. Uma revista feita com material barato, em preto e branco e com valor acessível. A magazine fez sucesso logo no lançamento com edições inspiradas em criaturas como Drácula, lobisomem, fantasmas, demônios e outras criaturas sobrenaturais como também em assassinos sanguinários. A editora desta revista era a D-Arte. Os maiores quadrinistas do ramo trabalhavam na Revista Calafrio e Mestre do terror, inclusive o famoso Zé do Caixão que foi um artista que consagrou o Terror no Cinema. Em 1995, a Revista Calafrio e Mestre do terror fechou as portas devido à crise dos quadrinhos, tanto na disputa de mercado, quanto na queda do interesse brasileiro no terror.

Em 2013, a revista Calafrio e Mestres do terror voltou ao mercado editorial nas mãos de Daniel Saks, com a editora Ink & Blood. Fez uma reportagem de seus materiais antigos, e contou com os grandes quadrinistas atuais, entre eles, Gian Danton, pseudônimo de Ivan Carlo Andrade de Oliveira, que trabalhou de 2015-2019, criando o arco “Psicopatas do Danton” que o artigo irá analisar três histórias: “Maníaco do Parque”, “Maníaco de Goiânia” e “Como identificar um psicopata”.

REVISTA CALAFRIO: ANÁLISE DE TRÊS ARCOS DE HISTÓRIAS SOBRE PSICOPATAS REAIS BRASILEIROS PUBLICADOS.

Na Revista calafrio, edição 65, publicada em dezembro de 2019, Na página 45 temos a história intitulada O Maníaco do Parque³. O texto é do autor Osvaldo Talo com arte de Rubens Cordeiro. A arte em preto e branco. Trata-se de uma história na época atual e situada numa cidade que possui um parque. O autor usa artifícios linguísticos como “Já estava escuro” e “O lugar estava mal iluminado” e isso nos remete ao turno da noite São dois personagens na narrativa: uma mulher nomeada de Paula e um rapaz conhecido desta mulher de nome Marcelo.

Na primeira cena vemos a personagem Paula andando na rua após descer do ônibus. Ela estava a caminho de casa, no decorrer dos quadrinhos se apresenta Paula aflita, apreensiva e com medo considerando que o local era escuro e deserto. logo após, ela se recorda do comentário na cidade de um tarado que ataca as mulheres que andam sozinha no parque ao qual ela está atravessando.

Quando ela encontra com Marcelo, um rapaz com o qual ela conversava, Paula se sente mais tranquila e aliviada, pois estaria em companhia dele para atravessar o

parque. Durante o percurso, eles conversam sobre um sujeito jovem que ataca, estupra e depois mata as mulheres. Paula continua a conversa e afirma que outras garotas das redondezas também se apavoraram. É quando ela pergunta a Marcelo se ele ouviu falar desse tarado.

O desenhista, no último quadro, muda a expressão facial de Marcelo apresentando-o com uma feição e uma atitude agressiva considerando que ele a segura e pega nos seus seios, ao mesmo tempo em que revela que ele é o Tarado. Vale ressaltar que a expressão de Paula passa sucessivamente de apreensiva e desconfiada, para tranquilidade ao encontrar Marcelo e ao final com a revelação sua expressão é de terror.

Há coerência entre o desenho e a narrativa, tendo em vista que ambos percorrem um caminho ficcional que representa inicialmente a protagonista Paula apreensiva e posteriormente usa um recurso de roteiro que gera uma reviravolta: Paula se tranquiliza e ao final da história ela é aterrorizada com a revelação. Os elementos visuais são encadeados pelo texto ao qual ambos estão interligados.

Podemos perceber então que o autor na construção do personagem Marcelo, apresenta uma visão do senso comum sobre o que é um psicopata: uma pessoa comum, porém que se disfarça de uma pessoa boa e mente com propósito de manipular a vítima a fim de atingir o seu objetivo. A narrativa utiliza de algumas características médicas da psicopatia encontradas no DSM-5 a qual ele floreia para conseguir o horror necessário e alcançar o sentimento aterrorizador que a revista Calafrios exige.

Análise

Na Revista Calafrio, edição 72, publicada em Julho de 2021, nas páginas 26 e 27 temos a história intitulada O Maníaco de Goiânia. O texto é do autor Gian Danton com arte de Cláudio Dutra. A concepção no modelo do Arco apresenta um formato de Cartaz de procurado com a união das duas páginas. Trata-se de uma história verídica e diferentemente da história anterior, ele descreve os fatos nos quais o personagem é o próprio maníaco com informações retiradas das reportagens acerca do caso, em conjunto Cláudio Dutra desenha ilustrações relacionando-as com a narrativa do quadrinista.

O quadrinista começa na sua narrativa com a revelação de uma carta que chegou à polícia de Goiânia em 2013 e logo pode-se ver um trecho da carta ao fundo, mas que não possibilita a leitura de um trecho completo. O escritor relata o trabalho da polícia na coleta de impressões digitais e a surpresa com a descoberta que tratava-se de alguém que não tinha sido preso. Ao se passar alguns meses após a chegada da carta, começa na

cidade uma série de múltiplos assassinatos em que as prostitutas são esfaqueadas, os moradores de rua são mortos a tiros e os homossexuais são estrangulados.

Na primeira ilustração o ambiente é representado com traços do preto bastante destacados para indicar ao leitor que era um lugar escuro. O assassino está ajoelhado em cima de uma mulher com um punhal erguido na mão direita enquanto a outra mão está apoiada em cima do corpo feminino que encontra-se com a blusa rasgada e com os seus seios a mostra, uma pequena bolsa jogada ao seu lado e com uma expressão corporal lasciva muito comum nas histórias em quadrinhos. Como as primeiras vítimas eram pessoas excluídas sociais inicialmente pensou-se em um grupo de extermínio para “limpar” as ruas, o que leva o leitor a olhar a mulher ilustrada como uma prostituta.

A narrativa revela que a polícia só foi ter certeza que um serial killer estava por trás dos crimes quando ele passou apenas em mulheres no começo de 2014. A segunda ilustração mostra um motociclista sentado na moto com o capacete com a viseira fechada. O assassino está com o braço esticado apontando uma arma que foi disparada contra o alvo: uma mulher jovem com cabelos lisos e longos, uma blusa comportada e de calça comprida. Ela está em posição de defesa, com os braços levantados protegendo o rosto e na sua expressão pode-se observar o medo e o pavor.

O Quadrinista revela um padrão nas mulheres assassinadas: eram jovens bonitas de cabelos lisos e longos. O modo de agir do assassino era padronizado: simular um assalto, atirar e depois ir embora. Na terceira ilustração, o desenhista representa o perfil de seis mulheres que foram mortas pelo assassino e que se encaixam na descrição apresentada, descobre-se que foram 16 mulheres mortas de janeiro a outubro de 2014. Quando a polícia mostra o assassino, as pessoas da sua convivência não acreditam neles.

Na quarta ilustração temos o suspeito na delegacia com um policial de cada lado com roupas e o colete padrão da polícia civil todos os dois com o rosto coberto. A cena mostra que ele é perigoso. O maníaco está de colete com o nome da polícia civil e as mãos algemadas nas costas. O nome dele é Tiago Henrique Gomes da Rocha, um rapaz tímido, bem vestido e trabalhador, ou seja, um homem comum. Ao ser preso, Tiago confessou 39 assassinatos e que sua motivação era “acalmar a raiva do mundo” que ele sentia. O desenho correspondente é o Tiago com a arma na mão direita e mão esquerda, um copo que provavelmente é de bebida alcoólica, pois supostamente a bebida alcoólica é um calmante.

Na parte final, o autor diz que Tiago foi condenado a 656 anos de prisão e passa seu tempo lendo cartas de amor de suas admiradoras. Na ilustração, o maníaco está lendo uma carta sentado na cama da cela com outras espalhadas ao seu lado e duas fotos de mulheres, as quais, uma é de perfil e outra de corpo inteiro em que a mulher está de biquíni.

As duas histórias possuem a mesma estética: impressas em material barato com as letras que dão aspecto de jornal, são em preto e branco e sobre casos reais. Na edição 65 foi criado um enredo ficcional do fato, com nomes fictícios da vítima e do maníaco. A protagonista do enredo é a vítima em que ela conduz toda história desde o começo, o clímax e seu fechamento. Na Edição 72 a história é em um estilo jornalístico, em que o formato da história nos remete ao folhetim de homicídios. Narra-se os fatos com personagens reais em que o protagonista é o próprio maníaco que conduz todo o enredo sobre o começo de seus crimes até o fim ao ser preso.

Análise Revista Calafrio Edição 74

Na Revista Calafrio, edição 74, publicada em Dezembro de 2021, nas páginas 26 e 27 temos a história intitulada Como Reconhecer um Psicopata. O Roteiro é de Gian Danton com arte de Antonio Eder. A produção faz parte do Arco “Psicopatas do Danton”, a qual se trata de um Spin-off⁴ em que descreve características do psicopata. A história acontece com uma narrativa de Gian Danton enquanto a ilustração nos quadrinhos busca representar cada passo da narração. O que é discutido nessa história em quadrinhos inspirou a escrita do seu livro “Psicopatas: o perigo invisível” publicado pela Editora Quadrinorte em Setembro de 2022.

No primeiro quadrinho, Gian Danton se apresenta e se dispõe a ensinar como reconhecer um psicopata. Começa desmistificando uma ideia pressuposta que psicopatas são malucos que andam com uma faca ensanguentada em uma mão e a cabeça decepada de alguém na outra. O autor afirma que as pessoas em geral têm esse imaginário. Na ilustração, Antonio Eder desenha um homem jovem de cabelos curtos com um sorriso no rosto usando um blazer por cima de uma camisa de botões e uma calça, na mão direita possui uma faca ensanguentada enquanto na mão esquerda está segurando pelos cabelos, a cabeça decepada de um homem jovem de cabelos curtos.

No segundo quadrinho, o autor continua a narração em que diz que o psicopata seria alguém que você ficaria aliviado de encontrar em uma rua escura. Na ilustração ,

⁴ é um termo utilizado para a nomenclatura de algo que foi escrito baseado em algo que já foi desenvolvido anteriormente.

vemos uma mulher de cabelos longos e uma franja, usando como acessórios um colar de pérolas com uma bolsa pequena de alça no ombro direito. Veste uma blusa clara de manga estilo bufante e uma saia escura. ela estava com medo, mas fala com um homem que parecia lhe dar segurança, após isso pergunta o seu nome. O homem é jovem com o cabelo escuro, um sorriso simpático, uma camisa de botões com bolsos no lado esquerdo e direito, de manga longa com uma calça. A mão direita está acenando para a moça. Ele diz que seu nome é Ted Bundy, o que nos remete ao famoso psicopata estadunidense que matou dezenas de mulheres.

No terceiro quadrinho, há o homem descrito no primeiro quadrinho que narra andando com um livro na mão e está próximo de uma estante cheia de livros. Ele conta que psicopatas não possuem empatia, vivem uma vida fria e cinzenta a qual procuram grandes emoções para sentirem prazer. E descreve o modo que eles conseguem esse prazer: Dando golpes ou arruinando a vida das vítimas.

No Quarto Quadrinho, O narrador explica que os psicopatas sabem que estão fazendo algo ruim/errado, mas eles não se importam. Na ilustração, há o personagem nomeado de Big Ed o qual seria um homem gordo de cabelos escuros e bigode. Suas mãos estão ensanguentadas e sua manga da camisa está melada de sangue, sua fala é que ele prefere matar, pergunta se o leitor também quer experimentar e descreve a sensação como incrível.

No quinto quadrinho, ele define que uma das principais características do psicopata é a mentira. Eles usam máscaras como pessoas civilizadas. Para mantê-las, ele mente o tempo. Na ilustração há um personagem careca de barba e bigode que veste um fraque escuro com uma feição de orgulho/soberba. Esse personagem diz ser um astronauta para um grupo de pessoas. Elas estão felizes e maravilhadas com o que ele diz. O grupo pergunta se ele fala sério, mas não duvidam do psicopata. Pode-se concluir que o quadrinho representa uma mentira criada pelo psicopata.

No sexto quadrinho, o narrador indica que com as mentiras, os psicopatas escondem sua verdadeira personalidade. Eles se apresentam como charmosos, falantes, simpáticos e prestativos. Na ilustração mostra um personagem de nariz avantajado, cabelo preto, camisa clara e calça escura. No rosto, apresenta uma feição de dúvida/apreensão enquanto entrega um cartão para o mesmo personagem principal do quarto quadrinho. A vítima enganada fala que não emprestaria o cartão para mais ninguém enquanto o psicopata pega o cartão e dá um sorriso forçado para passar confiança.

No sétimo quadrinho, o narrador pontua que eles não se arrependem do que fazem e as ameaças de punição não funcionam neles. Na ilustração, mostra uma personagem feminina com um lenço na cabeça com o cabelo escuro para trás, nariz grande, blusa de manga longa escura e saia escura. Ela está com o chinelo na mão direita perguntando ao personagem/psicopata sobre quem comeu o bolo de aniversário da irmã dele. O psicopata deste quadrinho específico, tem pouco cabelo no topo da cabeça, camisa listrada, calça escura. O psicopata responde: aponta para o gato ao seu lado e afirma que o gato comeu. O gato se mostra desconfiado com a acusação recebida, o que leva o leitor a entender que é mentira.

No oitavo quadrinho, o narrador se apresenta como personagem que tem as características apresentadas no primeiro e terceiro quadrinho. ele fala que os psicopata acredita que suas vítimas são coisas, por isso muitos assassinos seriais deformam o rosto das vítimas para tirar a identidade humana. Nas sombras, atrás do personagem do narrador aparece um homem com uma feição raivosa com a intenção de capturá-lo de surpresa.

No nono quadrinho, o narrador descreve que os psicopatas são fascinados pela ideia de controle. Ele afirma que os assassinos seriais manipulam suas vítimas, isto é, criam roteiros com falas e gestos marcados que as vítimas repetem. Os psicopatas só se sentem no controle total quando matam e depois fazem um ritual com o cadáver. Na ilustração, temos uma mão gigante controlando uma mulher de cabelo de rabo de cavalo como em um show de marionetes.

No décimo quadrinho o narrador descreve que eles mantêm lembranças de seus feitos como troféus, exemplifica com um tufo de cabelo, ou outro objeto qualquer que pertence a vítima. Na ilustração, o personagem/psicopata está em um cômodo ensanguentado de uma casa, a cômoda e o porta retrato melados de sangue. O personagem fala que prefere voltar para o lugar do crime para rememorar.

No décimo primeiro quadrinho o narrador se mostra novamente no seu personagem. Atrás dele está uma pessoa com o rosto do frankenstein que tem um punhal na mão direita erguido na posição de um possível golpe enquanto ele fala que o mais assustador é que os psicopatas não são tão raros quanto pensamos, pois ao menos 1% da população mundial seria um.

No décimo segundo quadrinho, o narrador se mostra como um personagem morto que está enterrado em um cemitério com lápide que possui seu pseudônimo, Gian

Danton. Ele conclui do túmulo que se deve tomar cuidado, pois o psicopata pode estar mais perto do que imaginamos.

O livro “Psicopatas: O perigo invisível” por Gian Danton foi dividido em duas partes: A primeira parte com elementos acad micos sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA) e relatos de psicopatas atuais; A segunda parte com relatos reais elaborados pelo escritor de psicopatas no Brasil e do mundo ao longo da história. As principais fontes são reportagens de jornais, revistas, sites e entrevistas sobre crimes de psicopatas reais praticados no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra. O escritor compartilha um acontecimento pessoal, ao qual foi vítima de um psicopata.

O Autor galga seus argumentos a partir de livros e estudos acad micos de psiquiatras, psicólogos e neurologistas conhecidos no Brasil e no mundo. Richard Krafft-Ebing, Hervey Cleckley (considerado o pai da psicopatia), Robert Hare, Ricardo de Oliveira e Ant nio Serafim são alguns dos nomes utilizados. Continuando na parte teórica, Danton faz referência a livros brasileiros, sendo estes: “Como identificar um psicopata” de Kerry Daynes e Jessica Fellowes e “Mentes perigosas: O inimigo mora ao lado” de Ana Beatriz Barbosa Silva.

Danton elabora uma profunda pesquisa sobre psicopatas no Brasil e no mundo e a partir da ordem cronológica dos crimes cometidos, ele conta os casos desde 1600 com a Condessa de Sangue Elizabeth B thory, Maníaco de Goiânia, Big Ed, Ted Bundy, Leonard Lake e Charles Chitat Ng entre muitos outros utilizados pelo autor em toda a obra.

Na Edi o 74 com o arco “Como reconhecer um psicopata” escrito por Gian Danton

No primeiro quadrinho quando o escritor diz que o imaginário popular sobre o psicopata como o sujeito sanguinário com uma faca ensanguentada na mão e uma cabeça decepada na outra   err neo. O psicopata não se apresentar  assim. Gian explica essa afirma o em seu livro “Psicopatas: O perigo invisível”. A partir da epígrafe que utiliza uma frase do Ted Bundy em que os psicopatas estão infiltrados dentro das famílias. Danton elabora que os psicopatas são as pessoas que você não desconfia.

Danton (2022, p. 7) continua no trecho: “A literatura criminal mostra que psicopatas são pessoas simpáticas, acima de qualquer suspeita, pois sabem que se revelarem sua verdadeira face, serão presos imediatamente. Assim, adotam uma máscara social.” O que conclui que o psicopata na visão do autor tem como principal característica o uso da máscara social, afinal o psicopata precisa enganar e atrair suas

vítimas. O que torna a aparência sanguinária e assustadora fora dos padrões adotados regularmente.

No segundo quadrinho, o narrador afirma que o psicopata seria alguém em que o leitor confiaria em uma rua deserta. Ele continua a ideia do primeiro quadrinho ao estabelecer que o psicopata ao contrário do senso comum seria a pessoa que transmite confiança, o indivíduo acima de qualquer suspeita. No diálogo apresentado entre a personagem feminina e o outro personagem masculino, ela demonstra estar aliviada de ter encontrado um rosto amigável para acompanhá-la, por isso ela pergunta seu nome que ele afirma ser Ted Bundy. Gian apresenta camadas na estrutura dos diálogos que vão interligando-se. Ao nos apresentar na prática como aconteceria o encontro entre a vítima e o psicopata.

A reviravolta da história com o nome do personagem masculino remetendo ao famoso psicopata estadunidense Ted Bundy estabelece um gancho que necessita de um conhecimento prévio. Em seu livro “Psicopatas: O perigo invisível”, Danton (2022, p. 40) afirma: “Ted Bundy era um político respeitado e muitos acreditavam que ele seria candidato ao governo da Califórnia, antes de serem descobertos seus crimes.”. O autor destrincha sobre esse Serial Killer que matou dezenas de mulheres, mas que antes de ser preso apresentava uma personalidade e aparência cativante.

No terceiro quadrinho, o autor se apresenta como um personagem dos quadrinhos. Ele continua a narrar a partir desse personagem mais características dos psicopatas. Ao descrever que os psicopatas possuem uma vida fria e cinzenta, ele estabelece em conjunto o modo como os psicopatas vão em busca de grandes emoções que seria dando golpes ou arruinando a vida das suas vítimas. Em seu livro, o quadrinista explica de maneira detalhada essa falta de emoções.. Os psicopatas dão diversos golpes e arruinam vidas por não sentirem as emoções como deveriam, principalmente a empatia. Gian discorre:

“Pobreza de emoções é outro fator importante. Psicopatas tem a vida cinza, sem sentimentos. Psiquiatras afirmam que as emoções dos psicopatas são tão superficiais que podem ser consideradas proto-emoções. Eles sentem sequer medo, o que explica porque eles realizam vários atos, que podem ir de golpes a assassinato, sem temores.” DANTON (2022, p. 27)

Ao mostrar no seu livro os fatores ligados à falta de emoções como ausência de culpa, de empatia e a incapacidade de amar, o escritor diz que os psicopatas não sentem

culpa pelo mal que fazem, pois nada nunca é culpa deles. Os psicopatas não sentem empatia e amor, pois veem as pessoas como objeto.

No quarto quadrinho quando ele fala que eles sabem que fazem algo errado/ruim mas não se importam, ele descreve detalhadamente na página 16 do seu livro em que afirma que não respeitam normas e regras e os psicopatas são pessoas que normalmente estão propensas a quebrá-las.

No quinto quadrinho ao falar sobre a mentira como característica do psicopata, remete a página 12, 17, 21, 23 de seu livro as quais ele reforça as definições da personalidade deles em que a mentira compulsória está sempre presente.

No sexto quadrinho quando mostra o quanto são charmosos, falantes, persuasivos e conseguem a confiança da pessoa emprestar um cartão, no livro na página 5, 6 e 7 que são as páginas de apresentação fala de sua própria experiência com um psicopata em que Gian foi enganado e lesado por ele. Na página 14, Gian Danton relata o conceito de psicopatas comunitários que vivem de aplicar golpes e deixar suas vítimas destruídas material e emocionalmente como um estelionatário extremamente bom de lábia que se passa de seu amigo mais íntimo.

No sétimo quadrinho quando Gian Danton fala sobre não se arrependem das coisas e não terem medo da punição, ele descreve detalhadamente nas páginas 15, 20, 25, 30, 35 ao qual ele reforça que eles não sentem diversas emoções como por exemplo o medo e o remorso.

No oitavo quadrinho quando descreve que o psicopata trata sua vítima como coisas, nos remete a página 28 em que retrata a coisificação das pessoas pelos psicopatas enquanto detalha casos nos Estados Unidos.

No nono quadrinho em que fala sobre o controle total sobre as vítimas, remete a página 40 em que ele cita o livro mentes perigosas da psiquiatra Ana Beatriz e se utiliza da descrição dela que os enxerga como amantes do controle sobre as suas vítimas em que observam todos os seus passos antes de atacar e após atacar começa a pedir que vítima siga um roteiro até chegar a sua morte.

No décimo quadrinho o autor cita como os psicopatas guardam coisas ou partes da vítimas como recordação, até mesmo voltar ao lugar do crime, ele descreve na página 29 quando fala sobre crimes nos Estados Unidos em que o investigador forense estabelece que eles sempre voltam para o cena do crime o que ajuda a capturá-lo em

caso de assassinato serial. Eles tiram algo da vítima, o que ajuda a polícia forense a traçar um perfil psicológico.

No décimo primeiro e décimo segundo quadrinhos, ele conclui que temos que tomar cuidado com eles, pois estão mais perto do que imaginamos. Ao citar o dado de que 1% da população possui o transtorno. Esse dado foi usado novamente na página 9 do seu livro em que sua fonte foi DSM-5 sobre o transtorno de personalidade antissocial.

O livro “Psicopatas: O perigo invisível” tem como suas principais fontes: reportagens de jornais, revistas e sites sobre crimes praticados no Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, o psiquiatra que criou a nomenclatura “psicopata”, a pseudociência forense Estadunidense, livro “mentes perigosas: o inimigo mora ao lado” da psiquiatra ana beatriz e alguns pontos do DSM-5 sobre transtorno de personalidade antissocial.

DISCUSSÃO A PARTIR DA ANÁLISE

Gian Danton participa da ideologia que predomina nas redes sociais sobre a compreensão empírica sobre o transtorno de personalidade antissocial. A psiquiatra Ana Beatriz utilizada por ele como fonte possui diversas acusações por fraudes e conteúdos enganosos nas redes sociais. Conhecida como a psiquiatra das massas com podcast, canal no youtube, influenciadora no instagram, entre outros. Ela espalha conteúdos de base empírica como verdade psiquiátrica. Ao demonstrar falta de interesse em aprofundar na questão social, ele torna-se parte desse esquema contemporâneo de informação e conteúdo.

O quadrinista utilizou-se do tema de psicopatia pelo engajamento que o mesmo fornece. Ao empregar todo o seu arco de histórias em descrever psicopatas reais, ele busca o interesse do público de histórias em quadrinhos de terror, através do medo da realidade. Como um homem que possui mestrado na área de comunicação, ele sabe contar histórias e principalmente cativar a atenção do público. Quando coloca-os nos quadrinhos de terror escritos por ele, os relega para a exclusão e desumanização desses indivíduos. Ele tem grande aptidão em contar histórias, esses quadrinhos são exemplos delas.

O escritor busca fundamentar-se com o livro “Psicopatas: O perigo invisível” , o qual possui fontes questionáveis, apesar de ter muitas com procedências aceitáveis. Ele cria uma história específica que ensina como reconhecer psicopatas, narrativa a qual pode ser aceita em quadrinhos, mas precisa ser questionada como fundamentação

teórica em seu livro. Ele descreve conceitos para classificação de psicopatas, utiliza de exemplo pessoal como ponta-pé do seu trabalho, o que torna-o não confiável.

Ao descrevê-los como o “mal encarnado”, uma grande ameaça, e catalogá-los como alvo de exclusão definitiva, ele contradiz os dados do DSM-5, em que expõem que esses psicopatas são 1% da população mundial, e que o meio social contribui para o “despertar” dessas pessoas. e principalmente, eles vivem sem causar grandes tribulações às pessoas.

O literato não aprofunda-se na questão de que nem sempre o serial killer, a pessoa que sente prazer ao cometer um assassinato, obrigatoriamente é uma pessoa com TPAS ou psicopata. Os psiquiatras contemporâneos destacaram a falta de congruência com outros sintomas relacionados ao TPAS. Danton não diz sobre as vítimas dessas pessoas. Ele chega a mencionar no seu livro que as minorias são os alvos desses indivíduos, mas esquece de estabelecer uma explicação satisfatória para isso. Como também, falta aprofundar o ponto em que os povos originários praticamente não possuem dados sobre esses eventos.

Conclui-se que ele procura manter-se no holofote ao tratar de um assunto amplamente curioso pela população em geral, mas não debate ou desmistifica esses saberes, ele mantém o senso comum ao ignorar a postura necessária para desenvolver uma pesquisa satisfatória. Compreensivo, afinal ele possui diplomas na comunicação e não como um pesquisador de etnopsiquiatria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as histórias: “maníaco do parque”, “maníaco de goiânia” e “como reconhecer um psicopata” escritas por Gian Danton, pseudônimo de Ivan Carlo, contam a história de casos reais que receberam intensa atenção da mídia. A amazon studios liberou o trailer da série sobre o maníaco do parque produzida por eles, a qual será lançada no canal de streaming em breve. Os dois maníacos citados por Danton mataram, de maneira hedionda, dezenas de mulheres e outras minorias.

Eles são tratados pelo autor como a “face do mal”, o “mal encarnado”. O quadrinista no seu spin-off “Como reconhecer um psicopata” justifica suas descrições posteriormente com a publicação do seu livro “Psicopatas: o perigo invisível”, uma tentativa do escritor de estabelecer o conceito teórico sobre essas questões, porém como sabemos todo conhecimento perpassa por uma ideologia. Em seu livro, o autor se

mantém ambíguo na questão cultural presente, ou seja, ao mesmo tempo que a coloca como um ponto a ser considerado, não se aprofunda nisso.

O princípio na cultura merece um posicionamento, porque o conceito de normalidade e anormalidade possui o viés cultural nítido quando analisarmos pela ótica da psiquiatria transcultural. As normas e regras estabelecem os comportamentos aceitos na coletividade, os métodos de tratamento e como essas pessoas serão incorporadas ou retidas da sociedade. Essas noções são diferenciadas na cultura que se estabelece, e também nas variações de tempo, influências de agentes externos e do sistema sociopolítico que desenvolvem-se.

Os transtornos mentais possuem classificações nebulosas, pois os sintomas entre eles são bem parecidos, como por exemplo, a bipolaridade e a depressão. Então a psicopatologia trata-se de decifrar o significado desses sintomas com uma observação minuciosa do paciente. O transtorno de personalidade é ainda mais nebuloso, pois a personalidade muda ao longo da vida do indivíduo. O transtorno de personalidade antissocial, o qual engloba os psicopatas, segue a lógica de uma predisposição genética e social interligadas.

O transtorno de personalidade antissocial compõe-se de um prognóstico na infância e adolescência de transtorno de conduta, o qual pode evoluir para a personalidade antissocial. O ser humano apresenta sintomas como alta irritabilidade e agressividade, dificuldade de seguir normas e regras, ausência de culpa. Essa conduta deve ser acompanhada por um profissional durante toda a vida, pois os sintomas são amplos em sua composição.

A sociedade ocidental coloca o ser humano em constante estresse o que gera irritabilidade e agressividade. De acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas), as taxas de pessoas em situação de miserabilidade econômica no mundo é mais de 80%, pela sobrevivência, pode ocorrer furtos, pequenos golpes e roubos. Foucault exemplifica como o neoliberalismo trata as pessoas como mercadoria, as quais precisam gerar lucro e competir umas contra as outras.

O neoliberalismo cria o cidadão individualizado e provoca a crise do cuidado com o outro ao tentar desconstruir a coletividade, pessoas não são mais amigos, colegas, conhecidos e familiares, são meios para alcançar objetivos. Marginaliza grupos minoritários como não-pessoas ao ponto de exercer sobre eles uma violência simbólica

legitimada e produzida pelo Estado. Essas pessoas não são cidadãs, são coisas que devem ser exterminadas a partir de uma biopolítica ligada a necropolítica. Esse meio social nos permite definir que os psicopatas não sentem necessidade de reprimir sua violência ao atacar grupos minoritários, afinal o Estado pratica a mesma coisa.

A necessidade de uma reforma de políticas públicas para o melhor tratamento psicológico dos transtornos mentais e de personalidade torna-se necessária, assim como a reconstrução do meio social, como exemplo, Denise Barros trabalhou a “loucura” com o povo do Dogon, em que eles eram tratados de maneira diferenciada na questão dos transtornos mentais, principalmente na questão que se assemelha ao anti social em que os inclui de maneira conjunta com a sociedade.

A cultura deve agregar seu valor de metamorfose ao desconstruir a utilidade dessa marginalização/extermínio das minorias políticas, como mulheres, pessoas não-brancas, estrangeiros e LGBTQIA+ e restabelecer a consciência coletiva para o melhor tratamento desses transtornos e das pessoas afetadas por ele. A estereotipação dessas pessoas gera lucro e interesse. Deve-se questionar a quem interessa e o porquê para realizar as mudanças necessárias .

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BARROS, D. D. **Itinerários da loucura em territórios Dogon**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BENEDICT, R. **Padrões de Cultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BORDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.
- . **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 2002.
- . **A distinção**. São Paulo: EDUSP, 200
- CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. **História das Emoções Volume 3**. Rio de Janeiro : Vozes, 2020.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DE ALCÂNTARA CALAZANS, F. M. **As histórias em quadrinhos no Brasil: teoria e prática**. São Paulo: UNESP, 1997.
- DEL-BEN, C. M. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. **Revista de psiquiatria clínica**, v. 32, n. 1, p. 27–36, 2005.
- DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- FANON, F. O. **Racismo e Cultura**. Brasil: TERRA SEM AMOS, 2021.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2008.
- . **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- . **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.
- HAN, B.-C. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: ÂYINÉ, 2018.
- . **A sociedade do Cansaço**. São Paulo: Vozes, 2019a.
- . **Filosofia do Zen-Budismo**. São Paulo: Vozes, 2019b.
- . **O Bom Entretenimento**. São Paulo: Vozes, 2020.
- HANNA, K.; SILVA-REIS, D. **A tradução das histórias em quadrinhos no Brasil: princípios, práticas e perspectivas**. São Paulo: LEXIKOS, 2020.
- HELLMAN, C. G. **Cultura, Saúde e Doença**. Porto Alegre: Artes médicas, 1994.
- LANGDON, E. J. A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença. **Etnográfica: revista do Centro de Estudos de Antropologia Social**, n. vol. 5 (2), p. 241–260, 2001.
- ; WILK, F. B. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 18, n. 3, 2010, p. 173–181, 2010.
- LAPLANTINE, F. **Antropologia da Doença**. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- . **Aprender Antropologia**. São Paulo : Brasiliense, 2003.
- . **Aprender Etnopsiquiatria**. São Paulo: Brasiliense, 1998..
- LE BRETON, D. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Brasil : COSACNAIFY, 2017.
- NETO, M. R. L.; CORDÁS, T. A.; COLS., &. **Transtornos da personalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- SAIDENBERG, I. **A História dos quadrinhos no Brasil**. Rio de Janeiro: Marsupial, 2013.
- TATOSSIAN, A. Culturas e psiquiatria. **Revista Latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 4, n. 3, p. 131–136, 1999.
- VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.